

ÍNDICE

Introdução	15
------------------	----

PARTE I | O MUNDO TEMPLÁRIO

CAPÍTULO I

O ESPÍRITO DO TEMPO E A PESQUISA INTERIOR

1 – O Espírito do Tempo	23
2 – À Procura do Deus Interior	25
3 – As Mutações Sociais	27
4 – O Sono das Consciências	29
5 – Uma Idade Média Tecnológica	32

CAPÍTULO II

SOCIEDADE LAICA E SOCIEDADE RELIGIOSA

1 – A Liberdade da Fé	35
2 – As Motivações dos Conflitos	37
3 – A Laicidade dos Interesses	39
4 – As Razões das Dúvidas	40

CAPÍTULO III

O MUNDO DA CAVALARIA

1 – Os Valores da Cavalaria	47
2 – Cavalaria Laica e Cavalaria Religiosa	50

3 – A Ordem do Templo	55
3.1 – O Nascimento da Ordem	55
3.2 – O Apoio da Igreja	60
3.3 – Os Privilégios.....	63
3.4 – O Papel da Ordem.....	64
3.5 – Os Processos	69
4 – As Outras Ordens Monástico-Militares	72
4.1 – Os Cavaleiros de Malta	72
4.2 – Os Cavaleiros Teutónicos.....	75
4.3 – As Outras Ordens Militares	77
5 – O Declínio da Cavalaria Religiosa	80
5.1 – A Perda da Terra Santa	80
5.2 – A Falhada Unificação das Ordens.....	82
5.3 – O Desinteresse das Potências Cristãs	84
6 – A Cavalaria Civil	85

PARTE II | A DIÁSPORA DOS TEMPLÁRIOS

CAPÍTULO IV

A HERANÇA TEMPLÁRIA

1 – A Sobrevivência Templária	91
2 – O Fermento Intelectual	94
3 – A Crise dos Valores.....	96
4 – A Procura de uma Nobilitação	100

CAPÍTULO V

AS PRINCIPAIS OBSERVÂNCIAS INTERNACIONAIS

1 – A Sucessão Belga	107
2 – A Observância Brasileira.....	109
3 – A Observância Portuguesa.....	112
4 – Os Priorados Autónomos	114
5 – As Outras Observâncias (Latina e Atlântica).....	118

CAPÍTULO VI

AS MISTIFICAÇÕES DOS TEMPLÁRIOS

1 – A Fortuna Mediática dos Templários.....	121
2 – O Tesouro dos Templários.....	124
3 – Os Templários na América	126
4 – A Frota Pirata dos Templários.....	128
5 – As Catedrais Góticas	129
6 – O Pergaminho de Chinon.....	132
7 – A Invenção do Priorado de Sião	134
8 – A Burla de Rennes-le-Château.....	137
9 – Os Templários e o Sudário	140

CAPÍTULO VII

AS VICISSITUDES ITALIANAS

1 – A Autonomia do Grande Priorado da Suíça.....	143
2 – O Grupo Bagnai	145
3 – O grupo Grandis.....	146
4 – O grupo Zampolli.....	147
5 – As outras organizações.....	149

PARTE III | O MOVIMENTO TEMPLÁRIO

CAPÍTULO VIII

A TEMPLARIDADE

1 – O Templarismo	155
2 – O Significado da Templaridade	159
3 – O Papel da Templaridade	165
4 – A Procura dos Valores.....	167

CAPÍTULO IX

OBJECTIVOS PARA UMA SOCIEDADE DIFERENTE

1 – Ética da Memória.....	171
2 – Voto de Obediência.....	174

3 – Voto de Pobreza	178
4 – Voto de Castidade	182
5 – Voto de Estar Armado	189

CAPÍTULO X

A OSMTH

1 – As Novas Fórmulas Multilaterais de Agregação	193
2 – Os Estatutos da OSMTH	197
3 – A Estrutura	198
4 – Os Membros da OSMTH	200
5 – Os Problemas	201
5.1 – Ordem e Não-Ordem	201
5.2 – Uma Ordem Cavaleiresca	203
6 – Os Pontos Fortes	206
6.1 – A Tendência à Unidade Templária	206
6.2 – O Ecumenismo Cristão	208
6.3 – Uma Rede de Interesses Ideais	209
7 – Os Pontos Fracos	211
7.1 – Uma Estrutura “Ligeira”	211
7.2 – A Questão Católica	213
7.3 – Estruturas Financeiras	215
7.4 – A Falta de uma Política Comum	216

PARTE IV | RELAÇÕES COM O MUNDO EXTERIOR

CAPÍTULO XI

A QUESTÃO RELIGIOSA

1 – O Ecumenismo Templário	219
2 – As Razões da Igreja	221
3 – As Razões dos Templários	224

CAPÍTULO XII

AS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE CIVIL

1 – Da Sociedade Civil	227
------------------------------	-----

2 – Da Pessoa.....	228
3 – Da Família	230
4 – Da Solidariedade.....	231
5 – Da Empresa	232
6 – Da Inovação.....	233
7 – Da Natureza.....	234

CAPÍTULO XIII

AS RELAÇÕES COM A MAÇONARIA

1 – A <i>Damnatio Memoriae</i>	235
2 – A Lenda Maçónica	239
3 – Os Princípios	241
3.1 – Princípios e Finalidades Maçónicas.....	241
3.2 – Princípios e Finalidades Templárias.....	242
4 – A Religião	243
4.1 – As Relações com a Igreja.....	243
4.2 – O <i>Imprinting</i> Religioso Templário	246
5 – O Simbolismo.....	247
5.1 – O Simbolismo Maçónico.....	247
5.2 – O Simbolismo Templário	248
6 – O Segredo	251
6.1 – O Segredo Maçónico.....	251
6.2 – A Transparência Templária.....	253

CAPÍTULO XIV

A QUESTÃO DOS DIREITOS HUMANOS

1 – O Direito Internacional em Matéria de Direitos Humanos ...	255
2 – As Organizações Regionais e os Direitos Humanos	258
3 – As Violações Existentes.....	260
4 – A Crise Internacional	262
5 – A União Europeia	263
6 – A OSMTH e os Direitos Humanos.....	266

CAPÍTULO XV

A ECONOMIA

1 – A globalização	269
2 – A evolução da empresa	273
3 – A ética da empresa.....	275
4 – A ética económica templária.....	278

ANEXOS

ANEXO I: <i>OSMTH – Knights Templar International Brussels Declaration (13th October 2007) Aiding Humanity on the Pilgrimage Through Life</i>	285
---	-----

ANEXO II: <i>OSMTH Resolution nr 24 of 2008 (Fiuggi, Italy, November 22 In 2008) Osmth Policies for Delegates to the European Union Agency for Fundamental Rights (Euфра) and Other International Bodies</i>	289
--	-----

Bibliografia Geral	293
--------------------------	-----

INTRODUÇÃO

A palavra *templário*, a afirmação *sou um Templário*, nunca deixam indiferente o ouvinte, independentemente do tipo de reacção, positiva ou negativa que seja.

O objectivo deste livro não é fazer uma história da Ordem monástica, militar e templária, mas sim transmitir uma ideia moderna da Ordem do Templo, tentando resgatá-la das inúmeras interpretações, muitas vezes fantasiosas, que enchem as livrarias de meio mundo. O livro não está pensado para quem deseja conhecer a história do Templo¹, mas sim para quem, por já a conhecer, se questiona sobre a sobrevivência templária.

A moderna ideologia templária tem como objectivo a descoberta ou o despertar de valores muitas vezes adormecidos ou mesmo esquecidos, o valorizar e despertar de novos interesses em quem ainda os distingue mesmo não sendo por eles conduzido. O objectivo é o de voltar ao homem, ao seu Templo interior, de forma a torná-lo ao mesmo tempo

¹ Para quem queira obter mais detalhes sobre a história da Ordem, remetemos à bibliografia específica que consta do capítulo IV. Tratando-se de uma bibliografia muito ampla, e para não constranger o leitor não especializado, reportamos de seguida somente alguns textos mais recentes: CARDINI Franco, *La tradizione templare*, Vallecchi, Florença 2007; CERRINI Simonetta, *La rivoluzione dei Templari*, Mondadori, Milão 2008; FRALE Barbara, *I Templari*, Il Mulino, Bolonha 2004; JANNACCONE Mario Arturo, *I Templari. Il martirio della memoria*, prefácio de Franco Cardini, Sugarão, Milão 2005.



participante e protagonista, começando um processo de reapropriação das suas raízes e dos seus ideais.

Um sistema de pensamento considera-se enquanto tal a partir do momento em que tenha princípios fortes e objectivos de médio prazo. Neste quadro é necessário saber quem são os Templários hoje, o que querem e aonde querem chegar, de onde vêm e onde querem ir, tendo em conta a sociedade religiosa e civil do nosso tempo.

Deste modo talvez seja possível definir uma identidade político-estratégica que consiga identificar objectivos a médio e longo prazo para a Ordem.

A queda das ideologias removeu grande parte dos mitos políticos e sociais que ao longo do século XX se mancharam de sangue e de actos cruéis e desumanos. Hoje o sistema é multifacetado e atrás dele não se distingue um conceito religioso ou filosófico ou estratégico de longo prazo.

O sistema ocidental perdeu muitos dos traços tradicionais, alisou as feições religiosas, deixou de se basear unicamente na família natural tradicionalmente concebida como fundamento da sociedade humana, mas continua a gozar de uma posição de supremacia tecnológica e económica sobre o resto do mundo.

Verifica-se uma progressiva erosão dos valores de base, fundados na tradição, na cultura e na continuidade histórica que já foram a pedra angular, os pilares da sociedade tal como foi conhecida e transmitida.

O advento das novas tecnologias, o desenvolvimento acelerado da inovação e um acrescido sentido de liberdade e de autonomia do homem puseram em crise o sistema tradicional, determinando uma fase da qual não conseguimos prever nem a amplitude nem a duração.

Os conflitos que em alguns casos se prolongam há dezenas de anos (Palestina e Sudão) e em outros há menos tempo (Afeganistão e Iraque), nas suas mais profundas motivações, agarram-se a temas como a diversidade e a superioridade de alguns credos religiosos, defendidos por grupos tão minoritários quão aguerridos, mas com capacidades de provocar um trauma social difuso que penetra nas consciências e destrói ou deteriora fortemente as certezas e as expectativas, principalmente no mundo ocidental.



Ao bem-estar das sociedades tecnologicamente mais evoluídas opõem-se a pobreza da maioria da população do planeta e a solidão existencial do homem, privado de certezas espirituais, desorientado pelos vínculos de uma tecnologia descontrolada, rodeado de profundas dúvidas sobre o seu futuro.²

O *homo novus*, humanista e ao mesmo tempo tecnológico, ainda não se vislumbra no horizonte e os danos produzidos por este estado das coisas estão à vista.

A uma democracia real sobrepôs-se uma democracia formal, em que a sondagem das opiniões e a maquiagem dos candidatos, ampliadas pelos meios de comunicação social, substituem-se ao juízo ponderado dos eleitores que, mesmo assim, determinam vitórias e derrotas:

- falta a certeza do direito e da justiça, muitas vezes sujada por legisladores incapazes ou movidos por interesses de parte;
- o terrorismo à escala planetária, em nome de uma fé religiosa interpretada em tom de guerra santa contra o Ocidente, desperta os fantasmas da intolerância religiosa e desarma até às fundações muitas das certezas tradicionais.

O homem não pode ser unicamente portador ou utilizador de tecnologias, mas também terá que sê-lo em relação aos valores que contribuíram para a formação da civilização ocidental no seu progressivo desenvolvimento.

Estes valores nalguns casos desapareceram, noutros adormeceram e noutros ainda, mesmo consolidados pelo tempo, estão em dúvida. Muitas certezas, mesmo as ideológicas, caíram.

Quando se fala de valores corre-se sempre o risco de pronunciar unicamente palavras vazias. Mas os valores não se podem descrever, por serem aspectos complexos de um conjunto de espírito, de cultura e de

² Ensinamos aos nossos filhos que os bons alunos irão ser bons na vida, que o mal não compensa, que é preciso sermos honestos, que as leis são feitas para reger as relações entre os homens no interesse de todos, que a violência é a última margem da ignorância e da falta de civismo, que os maus têm que ser castigados e os bons exaltados, que o progresso é bem-estar e que todos os homens são iguais, e que a vida é sagrada.



vontade e por fazerem parte integrante do nosso pensamento e da nossa maneira de agir, por serem os multiformes ângulos não exprimidos da nossa vida. O sentido do bem e do mal, este sentimento primário da nossa consciência, é expressão disto tudo. Respondemos a instintos ou então dominamo-los com base no nosso eu que é, de facto, o conjunto destes valores ancestrais filtrados pela cultura do nosso tempo.

O homem ocidental, focado na conquista do seu bem-estar, na satisfação das suas necessidades, no desenvolvimento da sua individualidade, esqueceu as motivações ideais da sua personalidade, pondo de lado alguns dos temas fundamentais da sua vida, tais como o sentido da morte e as razões do seu ser.³

Contra o adormecer das consciências, devido à massificação mediática do indivíduo e ao nivelamento cultural, está a determinar-se um sistema não diferente do cinzento sobreviver dos servos da gleba da Idade Média. Daí a necessidade de voltar a abrir o diálogo entre as pessoas, de lhes devolver a liberdade de pensar e a individualidade, indo contra os dominantes e tranquilizantes lugares comuns de um sistema nivelado sobre si mesmo.

Contudo, constatamos diariamente que não é assim. A cultura serve a pouca coisa e, de qualquer forma, não dá dinheiro. Quem age mal, normalmente prevalece. A honestidade não alimenta o sucesso mas, por vezes, é fonte de apuros. As leis são muitas vezes feitas no interesse de poucos ou são de qualquer forma a expressão de quem as faz. A violência tornou-se uma regra comum, propagandeada e exercitada de mil formas, desde as mais subtis até às mais impressionantes. Os bons passam por estúpidos e os maus por espertos. O progresso não traz bem-estar a todos mas somente a alguns. Os homens não são iguais mas diferentes conforme as suas riquezas (a cor da pele ou a identidade religiosa são elementos de segundo plano mesmo estando valorizados como sendo importantes). A vida é sagrada sim, mas unicamente a nível pessoal, em tudo o resto não tem valor.

³ A exaltação do trabalho organizado e o desenvolvimento das liberdades individuais criaram um mundo de formigas operosas que produzem mas que não sabem, não se questionam ou não se querem questionar sobre a utilidade daquilo que produzem: um mundo de formigas inteligentes mas incapazes de educar e de gerir as gerações futuras, obcecado pela própria timidez que o induz a reflectir e duvidar, mas vinculado pela própria educação de base que o captura numa espiral perversa que o impede de levantar os olhos em direcção a um Deus invisível a quem gostaria de perguntar o porquê de si próprio e qual a via a percorrer para atingir uma verdade que desconhece.



Contudo, ocorre uma forte motivação para traçar um novo tipo de sociedade civil, um novo sistema de participação numa economia de paz e de geral difusão do bem-estar.

No limiar do terceiro milénio cristão os Templários de hoje, assim como os de outrora, continuam a fazer parte da sociedade na qual operam. Eles atravessam toda a sociedade civil: operários e professores universitários, empregados e profissionais liberais, artesãos e empresários, padres e estudantes. Na crise geral do espírito do homem ocidental, eles podem dizer coisas novas e diferentes e transmitir uma mensagem às consciências a às sensibilidades dos homens, propondo um tipo de sociedade diferente.

São estes os objectivos do livro, na tentativa de afirmar principalmente aquilo que não são e também de lançar um debate sobre temas de fundo, alguns dos quais parecem ser antiquados e outros acabam por ser várias vezes distorcidos pela imprensa existente.

